



CENTRO DE ESTUDOS
DE HISTÓRIA DA CONTABILIDADE
Fundado em 1996



LISBOA, PARTIDAS DOBRADAS TRÊS DÉCADAS ANTES DE LUCA PACIOLI. OS LIVROS DE CONTAS DO MERCADOR MICHELE DA COLLE (1462-63)^(*)

Joana Sequeira
Ana Clarinda Cardoso
.....

Em 1462, o mercador Michele de Iacopo di Lippo da Colle instala-se em Lisboa, onde permanecerá durante vários anos, desenvolvendo uma interessante actividade comercial e bancária em articulação com a companhia pisana, gerida pelos seus familiares, e com outras companhias toscanas. Durante a sua estância em Portugal, Michele anotou o registo dos seus negócios em vários livros de contas, dos quais sobreviveram apenas dois, que se encontram hoje depositados no Arquivo Salviati na Scuola Normale Superiore de Pisa⁽¹⁾. Trata-se de um livro mastro (em português normalmente designado livro de razão) e de um livro de ricordanze, no qual se encontra inserto o giornale (diário, em português). Estes livros correspondem precisamente ao período da sua instalação em Lisboa, entre 1462 e 1463, constituindo-se assim um observatório excepcional para perceber de que modo um mercador estrangeiro actua in loco e de como estabelece a sua rede de contactos e ajusta os diferentes interesses comerciais.

O ARQUIVO SALVIATI

Com uma impressionante colecção de cerca de 1700 livros de comércio, que cobrem um largo arco cronológico (séculos XIV-XVIII), o Arquivo Salviati pode hoje ser considerado um dos maiores e mais importantes arquivos para a história da economia toscana e europeia. Devido à sua enorme dimensão, grande parte dos fundos permanece ainda inexplorado, apesar dos importantes estudos parcelares que entretanto foram sendo realizados por alguns investigadores ao longo dos anos⁽²⁾. Recentemente, foi posto em marcha um projecto internacional, com-

Boletim N.º 69 do Centro
de Estudos de História
da Contabilidade

Novembro de 2018

Edição: APOTEC –
– Associação Portuguesa de
Técnicos de Contabilidade

Conselho Editorial:
– António Campos Pires
Caiado, Prof. Doutor
– Maria da Conceição Costa
Marques, Prof. Doutora
– Manuel J. Benavente
Rodrigues, Dr.

Coordenação:
– Isabel Cipriano



posto por uma equipa de mais de quinze investigadores, que se centra sobre os negócios e as práticas mercantis das companhias do grupo Salviati em diversas praças europeias (Londres, Lyon, Pisa, Florença, Bruges e Lisboa), nos séculos XV e XVI. A abordagem colectiva impõe-se como a única via possível para se poder desvendar o sistema comercial que este complexo arquivístico traduz⁽³⁾.

Serve esta breve exposição para demonstrar que os livros de contas de Michele da Colle não são exemplos isolados, inserindo-se antes num vasto conjunto de séries de registos de contabilidade pertencentes a diferentes companhias comerciais. Torna-se, assim, possível perceber grande parte do contexto da actividade deste mercador. Antes de mais, convém referir que os dois livros se inserem num fundo da Serie I, intitulado Da Colle e Salviati. Giovanni Da Colle e Averardo di Alamanno Salviati, di Banco in Lisbona. Este pequeno acervo, composto por 10 livros de contabilidade, foi já alvo de um estudo aprofundado realizado por Marcello Berti. Segundo o autor, os documentos pertencem a uma pequena companhia mercantil que terá começado com os irmãos Giovanni e Iacopo di Lippo da Colle, originários da comuna de Colle di Val d'Elsa (Toscana), onde se encontravam ligados ao fabrico de papel, sendo inclusive detentores de unidades de produção⁽⁴⁾. A indústria do papel nesta região encontrava-se perfeitamente estabelecida desde o século XIV e atraía um importante investimento florentino⁽⁵⁾.

A COMPANHIA DA COLLE

Para melhor se perceber o enquadramento da actividade de Michele, apresentaremos de seguida um breve resumo da história desta companhia, baseando-me em grande parte no já citado trabalho de Berti. Sabe-se que os irmãos da Colle tinham, pelo menos desde 1445, uma agência em Pisa, especializada na comercialização do papel, que era produzido nas unidades de que a companhia era proprietária em Colle di Val d'Elsa. Inicialmente, a agência vendia o papel para as várias cidades toscanas, mas através de parcerias que estabeleceram com outras companhias da

região, conseguiram que o seu papel fosse comercializado em Cagliari, Nápoles, Barcelona, Palermo, Sevilha e no Norte de África. Pouco a pouco, os irmãos da Colle foram acedendo aos circuitos do comércio internacional e dedicaram-se ao tráfico de outras mercadorias. Seria, no entanto, com o papel que se iniciariam os primeiros contactos com Portugal. Em 1448, a companhia vendeu papel a um comprador português, que na época se encontrava em Pisa. Em 1450, apostaram na exportação de panos florentinos para Lisboa, num negócio comum no qual participaram os Turpe de'Vivaldi e Marco Lomellini de Lisboa, os da Colle e a companhia de Filippo Renieri e Piero Neretti de Pisa⁽⁶⁾. As duas companhias pisanas serviam-se assim de correspondentes italianos em Lisboa para realizar o negócio. No mesmo ano, Pero Strozzi e Marco Lomellini enviaram, de Lisboa, diferentes remessas de couros para a agência pisana dos da Colle. Juntaram-se, mais tarde, a este fluxo, os couros da Irlanda, negociados com base nas mesmas parcerias⁽⁷⁾. Estavam assim dados os primeiros passos nas relações comerciais com Portugal.

Em 1452, os irmãos puseram termo à companhia e dividiram os seus bens. No entanto, Iacopo e os seus descendentes (Michele e Girolamo) deram-lhe continuidade e desenvolveram cada vez mais os negócios entre Itália e o reino português. O papel, os panos de seda e os couros continuaram a ser as mercadorias mais transaccionadas, juntando-se-lhe mais tarde outras como a grã (kermes vermilio) de Sintra, o sal de Setúbal, a mostarda, o sebo e, no sentido inverso, os vidros. Grande parte dos negócios era feita com a participação conjunta de mercadores italianos estantes em Lisboa ou com companhias toscanas. Na importação de couros, envolveram-se, entre outras, as companhias de Filippo Renieri de Pisa, de Filippo e Luca Renieri de Florença, de Francesco di Neroni de Florença, mercadores italianos como Corrado Berardi, Marco e Filippo Lomellini, Giovanni Guidetti, e também agentes portugueses, como Diogo Álvares e Lopo Afonso. Os mercadores italianos abasteciam-se de couros irlandeses nos armazéns de Lisboa, que aí chegavam por intermédio da frota portuguesa. Como destaca Fedirigo Melis, Lisboa tinha-se tornado, no sécu-



lo XV, o grande empório redistribuidor de couros para exportação e quase todos eles seguiam a via do Mediterrâneo, sendo cerca de 90% desembarcados em Livorno⁽⁸⁾.

A partir de 1462, o filho de Iacopo, Michele da Colle, envolve-se na actividade da companhia e desloca-se a Portugal, protagonizando assim a abertura de uma filial em Lisboa. Como veremos mais adiante, apesar de os negócios de couros portugueses e irlandeses se terem mantido, Michele dedicou-se, no período inicial, sobretudo à recepção de mercadorias em Lisboa, nomeadamente de panos de seda italianos e também às transacções de letras de câmbio⁽⁹⁾.

Alguns em 1464 ou 1465, foi a vez de Iacopo da Colle chegar a Portugal e de se juntar ao seu filho Michele. Ambos passaram a comandar a filial lisboeta, enquanto Girolamo da Colle dirigia as expedições em Pisa. Neste período, grande parte das operações foi realizada com a forte participação da companhia florentina de Giuliano Gondi, com quem eram partilhados diferentes investimentos e lucros no comércio de panos, lâminas de espada e fio de Itália, na seda valenciana, e no sal, nos couros e na grã de Portugal. Apesar da forte parceria, o resultado económico destes anos resultou negativo, o que se deveu, em grande parte, ao naufrágio de uma das embarcações⁽¹⁰⁾.

Deixamos de ter registos detalhados a partir de 1466, mas sabe-se que Iacopo estava ainda activo em Portugal nos anos seguintes, porque em 1469 D. Afonso V estabeleceu com ele um contrato, concedendo-lhe o monopólio da exploração do alúmen no reino por um período de dez anos. Nesse documento, hoje depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, determinava-se que Iacopo seria responsável por fazer todo o investimento necessário em engenhos, alfaias e contratação de mão-de-obra e que os lucros se dividiriam entre ele e o rei⁽¹¹⁾. O contrato é revelador do papel de destaque que Iacopo da Colle alcançou no seio da comunidade mercantil italiana de Lisboa. Não só conseguiu estabelecer negócios directamente com o rei, como obteve o privilégio de monopólio de exploração de um importante produto, tal como tinham conseguido os mais proeminentes mercadores italianos da época, como os agen-

tes da companhia Cambini ou os irmãos Lomellini. Não temos conhecimento de que alguma vez se tenha efectivamente encontrado alúmen em Portugal. Em períodos anteriores, houve tentativas no sentido da sua exploração que tudo indica terem sido fracassadas⁽¹²⁾. Por isso, no actual estado de investigação, continuamos sem saber se Iacopo encontrou ou não alúmen, se houve transferência tecnológica importante, se o negócio foi rentável, ou se o projecto chegou efectivamente a ser empreendido. Sabe-se, isso sim, que este contrato não durou os dez anos previstos, porque num breve registo datado de 1475, Michele revelava que estava de volta a Pisa e que entretanto o seu pai tinha falecido em Portugal, terminando assim a actividade da companhia em Lisboa⁽¹³⁾.

Marcello Berti classifica a agência da Colle como uma companhia pequena, a nível de pessoal e capitais, com uma forte especialização regional, que baseia a sua actividade numa intensa colaboração com outras companhias de grande dimensão. Curiosamente, a sua ligação a Portugal não parece ter começado pela suposta atracção exercida pelos produtos disponíveis na praça de Lisboa. Na verdade, os primeiros contactos são relativos apenas a movimentos de exportação (de papel e de panos). Mas rapidamente os da Colle percebem, tal como perceberam outros mercadores italianos, que Lisboa oferecia um imenso potencial de negócio, pelo facto de aí se encontrar um dos maiores empórios europeus de couros. Esta é a principal mercadoria que sustenta os interesses comerciais no sentido Lisboa – Pisa e que arrasta consigo todos os outros produtos portugueses (a grã, a seda, o sal, a mostarda). São produtos que fazem parte de um quadro de comércio tradicional, não estando relacionados directamente com a expansão oceânica portuguesa e a abertura de novos mercados. De facto, segundo os dados recolhidos por Marcello Berti, os da Colle não transaccionaram, pelo menos de uma forma massiva, as novidades coloniais, como os escravos africanos, o marfim ou a malagueta. A aposta dos da Colle em Lisboa faz-se sobretudo em matérias-primas que interessavam às indústrias toscanas (o couro, para a indústria dos curtumes, e a grã, para a indústria têxtil), o que demonstra que a companhia



estava estreitamente ligada às unidades de produção. Por outro lado, Lisboa, em plena ascensão económica, tornava-se num mercado de consumo cada vez mais capacitado para absorver os artigos de luxo produzidos pelas indústrias do norte de Itália.

MICHELE DA COLLE “AL PRESENTE ABITANTE A LISBONA”

Traçado que está o quadro geral da história da companhia da Colle e o seu perfil comercial, vejamos agora como se processou a instalação de Michele em Lisboa. Sabemos que aí chegou em 1462 e que foi nesse momento que fundou a filial da companhia em Portugal. No fólio de abertura dos seus livros de contas, lê-se, no cabeçalho, a expressão “IN LISBONA”, precedida da indicação do ano⁽¹⁴⁾. O facto de os livros serem ambos “segnato A” é o indicador claro de que estamos perante o primeiro ano de exercício da agência. A mudança de Pisa para Lisboa não foi, no entanto, directa. No já referido registo de 1475, Michele revela que estava há dezoito anos fora de casa⁽¹⁵⁾. Treze deles foram passados em Lisboa e, por isso, é possível que nos anteriores tenha permanecido em Valência, como aliás parece sugerir o testemunho de um dos livros mastro da companhia Neroni-Salviati de Pisa, no qual o mercador surge inicialmente designado como Michele da Colle “de Valenza”⁽¹⁶⁾. No mesmo livro, já no exercício de 1463, encontra-se uma conta aberta em nome de Michele “al presente abitante a Lisbona”, dando assim notícia da alteração de residência que entretanto se tinha operado⁽¹⁷⁾. Mas antes de aí chegar, terá ainda passado por Sevilha, por Cádiz e por Tavira⁽¹⁸⁾. À medida que se deslocava, Michele foi construindo, ao longo da costa sul da Península Ibérica, aquela que viria a ser a rota base dos seus negócios nos anos seguintes⁽¹⁹⁾. Estamos perante um mercador proveniente de uma companhia mercantil já bem implantada no mercado ibérico, que opta por se instalar num dos pontos estratégicos da sua rede, eliminando assim a necessidade de correspondentes e usufruindo das vantagens do comércio directo. Quando chega a Portugal, este mercador pisano traz consigo toda uma ‘carteira’ de

contactos criada e solidificada ao longo de mais de dez anos de actividade.

OS LIVROS DE CONTAS

Michele registou a sua contabilidade em três livros: o mastro (ou debitori creditori) o de ricordanze e o quaderno, mas só os dois primeiros sobreviveram⁽²⁰⁾. A sua excepcionalidade reside no facto de serem os únicos exemplares de livros mercantis redigidos em Portugal neste período. Não se conhecem, para a Idade Média, livros de mercadores portugueses, nem tão pouco livros de outros mercadores estrangeiros estantes em Portugal⁽²¹⁾. Acresce ainda o facto de o livro mastro deste mercador ser o mais antigo exemplo de contabilidade privada (produzida em Portugal) com utilização do sistema de partidas dobradas (o mais antigo que até agora se conhecia era o “Livro de Rezão”, do século XVII⁽²²⁾). O facto de todas as operações serem expressas em reais (a moeda corrente no reino português), e não em libras ou florins, reforça também o seu carácter singular. Redigidos pela mão de Michele, num tipo de letra classificado como merchantesca, estes livros apresentam dimensões modestas, se comparados com exemplos análogos da mesma época (28x22 cm)⁽²³⁾. São ambos encadernados em pergaminho e têm, cada um, cerca de duzentos fólhos em papel (vários deles deixados em branco). É bastante plausível que o papel utilizado nos livros fosse produzido pela própria companhia da Colle ou por outra companhia parceira da região de Colle di Val d’Elsa⁽²⁴⁾. No fólio de abertura de cada um dos livros, o mercador esclarece a quem pertencem os mesmos (“questo libro e di me Michele da Cholle”) e, no livro de ricordanze, inscreve ainda o seu sinal (segno) mercantil.

Vejamos agora como se organizam internamente os documentos. O mastro regista, entre Fevereiro de 1462 e Novembro de 1463, os movimentos de débito e de crédito de setenta contas correntes relativas tanto a pessoas físicas como a mercadorias. Dessas setenta, cinquenta e quatro são pessoais e sete são respeitantes a mercadorias (2 de panos de seda, 1 de panos de lã, 1 de seda de Játiva, 1 de grã de Sesimbra e ainda 2 de bestas



muares). As restantes são relativas a diversos tipos de despesa (de casa, de mercadorias, de letras de câmbio, etc.)⁽²⁵⁾. O livro de ricordanze, directamente relacionado com o mastro, divide-se em quatro partes: a primeira corresponde ao *giornale* (diário), no qual se registam as operações segundo a sua sucessão cronológica, com remissões para as respectivas contas no mastro⁽²⁶⁾; na segunda parte, encontram-se cópias das letras de câmbio; na terceira agrupam-se anotações várias e cópias de contas e, por fim, na quarta secção, encontram-se as comissões. A informação detalhada que se pode extrair destes livros permite-nos conhecer com detalhe os diversos agentes com os quais Michele fez parcerias, o tipo, as quantidades e os preços dos produtos que transaccionou, as diferentes modalidades de negócio, etc.

AGENTES, PRODUTOS, REDES

Estes livros permitem-nos igualmente vislumbrar um pouco daquilo que seria o quotidiano de Michele. Sabemos, por exemplo, que dividia as despesas de casa (da botica e eventualmente da residência) com Daniello Strozzi. Para além de um familiar que o acompanhou na viagem até Lisboa, o mercador tinha em casa um escravo muçulmano, que entretanto fora baptizado, e ainda uma criada, de nome Catarina Afonso, que tomava conta de uma criança⁽²⁷⁾. Na conta “*maserizie di casa*” regista-se a compra de dois pares de lençóis, uma secretária, três varas de pano azul e três colheres de prata⁽²⁸⁾. Para seu uso, o mercador despendeu ainda dinheiro na compra de sapatos, vários talhos de pano de lã, de seda (veludo, cetim, damasco) e de linho (para fazer camisas), dois pares de calças, um gibão, um barrete e ainda um anel que encomendou a um ourives, a quem pagou 150 reais pelo serviço⁽²⁹⁾.

A sua rede de parceiros de negócio era constituída por florentinos, genoveses, portugueses e judeus. A comunidade florentina lisboeta cresceu em dimensão e importância ao longo dos séculos XIV e XV. Como notam Nunziatella Alessandrini e Pedro Flor, “apesar da pujante intromissão genovesa no mercado português e atlântico, foram os capitais acu-

mulados nas mãos de famílias florentinas e lombardas estabelecidas em Lisboa que tiveram um forte impacto na economia portuguesa da altura”⁽³⁰⁾. Destacam-se, entre outros, os membros da família Strozzi (Daniello, Begni e Giuliano), com quem Michele estabelece todo o tipo de parcerias, desde a compra e venda de panos florentinos até às simples operações de compensação financeira⁽³¹⁾. Giovanni Bardi, membro de uma das mais notáveis famílias de Florença, compra várias peças de tecido ao mercador pisano, tanto para seu uso como da sua família, e estabelece com ele alguns negócios de câmbio⁽³²⁾. Em 1471, é a vez de Giovanni Bardi abrir a sua própria loja de câmbios em Lisboa⁽³³⁾. Um dos principais correspondentes da companhia Cambini em Lisboa – Giovanni Guidetti – é outro dos mercadores que surgem frequentemente nos registos⁽³⁴⁾. Ao serviço de Michele, vemos figuras como as de Francesco Giuntini ou de Antonio d’Orlando de Siena, que actuam muitas vezes em nome do mercador pisano, fazendo pagamentos, viagens ou tratando da expedição e recepção de mercadorias⁽³⁵⁾. Os contactos com alguns elementos da comunidade genovesa são igualmente importantes. Girolamo e Cristofano Marabotto eram dois irmãos de uma família proveniente de Génova estabelecida em Portugal desde os anos 20 do século XV⁽³⁶⁾. Residiam na cidade de Lisboa, mas tinham igualmente casa em Tavira, na qual Michele da Colle permanece durante algumas semanas com um seu familiar⁽³⁷⁾. A articulação com agentes instalados em Tavira é fundamental, porque é aí que muitas vezes são desembarcadas as mercadorias, posteriormente transportadas por terra até Lisboa. Os irmãos genoveses agilizam as trocas, ao ocupar-se da recepção e armazenamento dos produtos e ao respectivo pagamento de impostos⁽³⁸⁾. Marco Lomellini, também ele genovês e importante protagonista da economia portuguesa quatrocentista⁽³⁹⁾, é um dos parceiros de negócio mais antigos da companhia da Colle. Inicialmente, desempenha um importante papel de correspondente e, na fase de instalação de Michele, mantém as relações comerciais com os pisanos, sobretudo a nível de negócios de câmbio⁽⁴⁰⁾.

Naturalmente, os portugueses faziam parte desta rede, na qualidade de clientes, fornece-

dores e/ou parceiros comerciais. Um dos principais clientes de Michele é um importante membro da elite social: o bispo de Coimbra, João Galvão. Filho de Rui Galvão, secretário do rei, entre 1438 e 1460, tomou o hábito religioso em Santa Cruz de Coimbra e foi um dos elementos que acompanhou a embaixada matrimonial da imperatriz D. Leonor. Em Itália, tornou-se próximo de Sílvio Eneias Piccolomini, que em 1458 seria eleito Papa (Pio II). João Galvão foi inicialmente bispo administrador de Ceuta e Tui e, em 1459, tornou-se bispo de Coimbra⁽⁴¹⁾. É com a sua conta pessoal que se inauguram os registos do livro mastro, com múltiplas entradas⁽⁴²⁾. A sua mãe, Branca Gonçalves, tinha também conta aberta⁽⁴³⁾. Por mais do que uma vez, Michele da Colle desloca-se pessoalmente a Coimbra ou envia um agente para tratar dos negócios com o bispo. O mercador vende-lhe vários panos de seda fornecidos pela companhia pisana Neroni-Salviati e encarrega-se ainda de lhe fazer chegar seis caixas de livros, que fazem o trajecto de Pisa até Tavira. Antonio d'Orlando de Siena é então enviado ao porto algarvio para recolher essas caixas, fazendo-as transportar até Lisboa e depois até Coimbra⁽⁴⁴⁾. João Galvão recorre igualmente aos serviços bancários, assumindo o papel de dador em três letras de câmbio a que recorre para fazer pagamentos em Roma⁽⁴⁵⁾. Em todas elas, Michele figura como tomador e o pagador é Ambrogio Spanocchi de Piccolomini, um banqueiro de Siena, instalado em Roma, cuja carreira no seio da Câmara Apostólica estava em plena ascensão⁽⁴⁶⁾. Os interesses económicos do bispo conimbricense activavam assim diversos dispositivos do comércio internacional, potenciando as transferências de produtos e de capital entre diferentes praças.

Um agente português que sobressai não apenas nos registos em análise, mas nas contabilidades de outras companhias do grupo Salviati, é Lopo Afonso⁽⁴⁷⁾. Escudeiro da Casa Real e recebedor da sisa da carne, movimentava-se bem no meio financeiro italiano⁽⁴⁸⁾. Representa um exemplo da conjugação do desempenho de um ofício público com a actividade comercial, o que, nas palavras de Rita Costa Gomes, era uma marca distintiva dos agentes dos reis portugueses no período tardo-medieval⁽⁴⁹⁾. Os seus interesses são direc-

nados sobretudo para o comércio dos couros, tanto portugueses como irlandeses. O facto de ser recebedor da sisa da carne colocava-o numa situação privilegiada face aos mercados, permitindo que se transformasse num dos mais importantes fornecedores de couros. No livro mastro, não se encontram referências a este comércio, mas no registo das ricordanze surgem-nos duas cópias de contratos estabelecidos entre Michele e Lopo sobre os couros portugueses e irlandeses⁽⁵⁰⁾. Antes da chegada a Lisboa do mercador pisano, Lopo Afonso era correspondente directo das companhias toscanas. Com a abertura da filial portuguesa dos da Colle, Michele passa a ser o intermediário neste comércio e as condições de negócio são pré-estabelecidas através de contrato. O primeiro é celebrado em Setembro de 1462 e envolve o próprio Michele, Lourenço Caldeira e Lopo Afonso. Este último obriga-se a carregar entre 3500 a 4500 couros irlandeses numa embarcação proveniente de Galway e a conduzir a carga até Pisa, entregando-a depois a Iacopo da Colle pelo preço estipulado por Michele e Lourenço. Todas as despesas de envio ficavam a cargo de Lopo Afonso, que começaria a receber os respectivos dividendos a partir de Janeiro de 1463. O segundo contrato, de Novembro, é relativo a couros portugueses. Michele obriga-se a adquirir todos os couros da parte do rei que Lopo Afonso conseguisse angariar no período de um ano. O preço é pré-estabelecido e, mais uma vez, era Lopo que deveria assegurar o seu envio a Pisa, onde seriam entregues a Iacopo da Colle, que pagaria todas as despesas inerentes ao seu transporte. Curiosas são as modalidades de pagamento previstas: o acordo determina que Lopo pudesse receber em Florença, em Pisa ou em Roma, consoante fosse mais vantajoso o valor do câmbio na altura da quitação. A duração prevista do contrato era de um ano, podendo estender-se até dois, em função da vontade das partes. Estes documentos dão-nos conta da complexidade do comércio internacional dos couros, que implicavam transacções dilatadas no tempo, as quais, por sua vez, requeriam acordos prévios e instrumentos financeiros capazes de as assegurar. É de destacar ainda a presença dos interesses da Coroa e o envolvimento do rei no comércio internacional através de agentes, o que era



também uma característica peculiar dos monarcas portugueses⁽⁵¹⁾.

Lourenço Caldeira, um dos signatários do contrato dos couros irlandeses, era cavaleiro da Casa Real⁽⁵²⁾. Tal como Lopo Afonso, estava ligado ao comércio dos couros e também ao da grã. O seu nome aparece amiúde nos registos das companhias da Colle e Neroni-Salviati de Pisa. Sendo um dos parceiros próximos do mercador pisano, compra-lhe alguns côvados de cetim negro e, em 1463, fornece-lhe 8 arrobas de grã de Sesimbra, pelo preço de três mil reais por arroba⁽⁵³⁾.

Embora em número relativamente reduzido, os judeus fazem parte da rede de contactos comerciais de Michele. É verdade que os sefarditas não viam com bons olhos o poder e a condição privilegiada dos mercadores italianos no reino português, mas rapidamente perceberam que aliar-se a eles só lhes traria vantagens⁽⁵⁴⁾. Para os italianos, a parceria com judeus permitia-lhes aceder aos circuitos comerciais internos, que de outro modo dificilmente alcançariam, até porque uma boa parte da produção e do comércio locais estava nas mãos da comunidade judaica⁽⁵⁵⁾. Duas figuras eminentes da comunidade sefardita tinham contas pessoais no livro mastro. Um deles, Guedelha Palaçano, pertencia a uma grande família de mercadores-banqueiros, envolvida no comércio internacional. Foi servidor do Infante D. Henrique e em 1462 terá sido eleito rabi da comuna judaica lisboeta⁽⁵⁶⁾. Em Fevereiro de 1463, compra, a Michele, 16,25 côvados de veludo negro, pela quantia de 6800 reais⁽⁵⁷⁾. Palaçano e Isac Abravanel, na qualidade de servidores de Afonso V, foram os mercadores que com maior parcela contribuíram no empréstimo ao monarca para a guerra com Castela em 1473. Abravanel, uma figura que se destacou não só no meio financeiro, mas também no intelectual, tinha igualmente conta aberta⁽⁵⁸⁾. As operações que lhe dizem respeito são relativas a negócios de câmbio⁽⁵⁹⁾.

Fora de Portugal, Michele tinha ainda uma sólida rede de contactos baseada nas comunidades mercantis italianas, que sustentava a ligação entre Pisa e Lisboa e contribuía para a interligação portuária ibérica. Em Itália, mantinha o contacto com diferentes companhias toscanas e, em Roma, tinha em Ambro-

gio Spanocchi o seu ponto de apoio. Em Barcelona, um grande centro financeiro, podia contar com Filippo Perozzi, que assumia a figura de pagador em várias letras de câmbio⁽⁶⁰⁾. Em Valência, tinha contactos com Bernardo Vay e Bernardo Cambini⁽⁶¹⁾. Este último envia-lhe, em Julho de 1462, uma remessa de seda de Játiva⁽⁶²⁾. Giovanni Gianni era seu correspondente em Sevilha⁽⁶³⁾ e Marino Crivelli assegurava a recepção de mercadorias em Cádiz, que aí chegavam nas galés florentinas, sendo depois reexpedidas, novamente por mar, para Tavira⁽⁶⁴⁾.

A conjugação das macro-redes toscanas com as micro-redes locais, através de mecanismos de cooperação, permitiu que este mercador alcançasse um lugar de relativo destaque na comunidade florentina lisboeta, ao ter-se aproximado de importantes membros da elite social portuguesa e ao conseguir impor-se no mercado de produtos-chave, como o eram os couros ou a grã.

Como já aqui foi referido, Michele regressa a Pisa treze anos volvidos sobre a sua estadia em Portugal. A companhia encerra actividade e Michele e o seu irmão Girolamo tornam-se funcionários do Banco Salviati de Pisa⁽⁶⁵⁾. É difícil perceber quais as motivações que estão por detrás do abandono da praça lisboeta no preciso momento em que a sua expansão económica estava no melhor dos ritmos. Poderá ter sido apenas uma opção estratégica de redução de custos e de concentração empresarial, uma vez que as ligações comerciais a Portugal continuariam a ser asseguradas nas décadas seguintes pelo Banco Salviati de Pisa⁽⁶⁶⁾. Por outro lado, não nos podemos esquecer que o cenário económico estava a mudar substancialmente no terceiro quartel do século XV, com a entrada massiva de novos produtos oriundos de África e das ilhas atlânticas. A este período áureo de expansão correspondeu um proporcional crescimento da comunidade italiana na cidade, o que fez aumentar a concorrência, pondo em causa a continuidade de companhias de menor dimensão, que assentavam a sua actividade num quadro de trocas tradicional.



- (*) *Comunicação apresentada no IV Encontro Internacional Luca Pacioli de História da Contabilidade, 18 e 19 de Junho, Lisboa.*
- (1) *Archivio Salviati (AS), Serie I – Libri di Commercio, Da Colle e Salviati. Giovanni Da Colle e Averardo di Alamanno Salviati, di Banco in Lisbona, regs. 7 e 8.*
- (2) *Citamos apenas os estudos de histórica económica dos séculos XV e XVI: Marcello BERTI, “Le aziende da Colle: una finestra sulle relazioni commerciali tra la Toscana ed il Portogallo a metà del quattrocento”, in Toscana e Portogallo: miscellanea storica nel 650° anniversario dello Studio Generale di Pisa, Pisa, Edizioni ETS, 1994, pp. 57-106. Antonio CARLOMAGNO, Il viaggio in Levante della galea “Ferrandina” nel 1476-1477, Tese de Licenciatura apresentada à Università degli Studi di Pisa, 2003. Antonio CARLOMAGNO, Il banco Salviati di Pisa: commercio e finanza di una compagnia fiorentina tra il 1438 e il 1489, 2 vols., Tese de Doutoramento apresentada à Università degli Studi di Pisa, 2010. Nadia MATRINGE, L’entreprise florentine et la place de Lyon: L’activité de la banque Salviati au milieu du XVIe siècle, Tese de Doutoramento apresenta ao Instituto Universitário Europeu de Florença, 2013. Agnès PALLINI-MARTIN, Réseaux florentins, négoce et politique à Lyon autour de 1500. Giuliano da Gagliano et la compagnie Salviati, Tese de Doutoramento apresentada à École des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris, 2013. Agnès PALLINI-MARTIN, “La gestion et la maîtrise du temps et de l’espace dans la pratique marchande de la compagnie Salviati de Lyon autour de 1500”, in Mélanges de l’École française de Rome – Italie et Méditerranée modernes et contemporaines, publicação disponível na internet desde Janeiro de 2013: <http://mefrim.revues.org/1245>. Roberta PAOLINI, Le lettere di Francesco Davanzati mercante fiorentino a Napoli ai primi del cinquecento: le merci e gli scambi (con la trascrizione delle lettere dal 10 luglio 1507 al 9 ottobre 1507), Tese de Licenciatura apresentada à Università degli Studi di Pisa, 1994. Elena PARDOSSI, Le lettere di Francesco Davanzati mercante fiorentino a Napoli ai primi del ‘500: i personaggi e gli avvenimenti, Tese de Licenciatura apresentada à Università degli Studi di Pisa, 1994. Antonio Alberto PETRI, La Piazza di Bruges come rivive nel periodo 1461-1462 attraverso il Libro Grande Rosso seg. G della Compagnia di Giovanni Salviati e Piero da Rabatta (con trascrizione di questo registro), Tese de Licenciatura apresentada à Università degli Studi di Pisa, 1962. Valeria PINCHERA, Mercanti toscani ad Anversa nel cinquecento. Il Banco Salviati dal 1540 al 1544, Tese de Licenciatura apresentada à Università degli Studi di Pisa, 1988. Rita RICCI, Contributo alla conoscenza del mercato di Costantinopoli alla fine del ‘400 (Compagnia di Gio-*
- vanni di Marco Salviati), *Tese de Licenciatura apresentada à Università degli Studi di Pisa, 1962.*
- (3) *Projecto ENPrESA (Entreprise, Négoce et Production en Europe (XVe- XVIe siècles). Les compagnies Salviati), financiado pela Agence Nationale de la Recherche (2013-2015) e dirigido por Mathieu Arnoux.*
- (4) *M. BERTI, “Le aziende da Colle...”, cit., 1994, pp. 60-68.*
- (5) *Richard GOLDTHWAITE, The Economy of Renaissance Florence, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 2009, pp. 525-26.*
- (6) *M. BERTI, “Le aziende da Colle...”, cit., 1994, pp. 61-69.*
- (7) *IDEM, Ibidem, p. 65.*
- (8) *Federigo MELIS, “Di alcune figure di operatori economici fiorentini attivi nel Portogallo nel XV secolo”, in I mercanti italiani nell’Europa medievale e rinascimentale, Florença, Le Monnier, 1990, p. 10.*
- (9) *M. BERTI, “Le aziende da Colle...”, cit., 1994, pp. 85-98.*
- (10) *IDEM, Ibidem, pp. 98-104.*
- (11) *Documento transcrito e publicado por Sousa VITERBO, “Artes e Industrias Metallicas em Portugal: minas e mineiros”, in O Instituto, vol. LI, 1904, pp. 110-112.*
- (12) *Luís Miguel DUARTE, “A actividade mineira em Portugal durante a Idade Média”, in Revista da Faculdade de Letras – História, nr. 12, 1995, pp. 75-112, em especial pp. 94-95.*
- (13) *AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 4, c. 341.*
- (14) *Na verdade, o ano indicado é 1461, mas sabendo que o ano florentino começa apenas a 25 de Março, tornou-se necessário rectificar a datação, tendo em conta que o exercício tem início a 1 de Fevereiro.*
- (15) *AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 4, c. 341.*
- (16) *AS, Serie I, Neroni e Salviati. Francesco Neroni e Averardo di Alamanno Salviati di Banco in Pisa, reg. 22, c. 14.*
- (17) *AS, Serie I, Neroni e Salviati..., reg. 22, c. 278.*
- (18) *AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, cc. 4-5.*
- (19) *Documenta-se o exemplo de um outro mercador italiano que, no último quartel do século XV, efectua um trajecto semelhante, deslocando-se de Valência para Lisboa (vide David IGUAL LUIS e Paulino IRADIEL MURUGARREN, “Del Mediterráneo al Atlántico. Mercaderes, productos y empresas italianas entre Valencia y Portugal (1450-1520)”, in Luís Adão da Fonseca, Maria Eugénia Cadeddu (orgs.), Portogallo mediterraneo, Cagliari, Istituto sui rapporti italo-iberici, 2011, p. 167, nota 43.). Estes casos são ilustrativos do aumento da intervenção italiana nos itinerários comerciais entre Valência e Portugal.*
- (20) *Nos registos do livro mastro surgem várias referências e remissões ao quaderno, no qual seriam anotadas com maior detalhe as rubricas relativas a despesas.*
- (21) *A actividade de mercadores estrangeiros em Portugal é dada a conhecer através dos livros das companhias*



- italianas e de cópias de contas (não se trata, portanto, de fontes directas). Veja-se, por exemplo, o caso da companhia Cambini, estudada por Sergio Tognetti com base nos livros de contabilidade produzidos em Florença (Sergio TOGNETTI, *Il Banco Cambini. Affari e mercati di una compagnia mercantile-bancaria nella Firenze del XV secolo*, Florença, Leo S. Olschki Editore, 1999).
- ⁽²²⁾ O livro de razão de António Coelho Guerreiro, *pref. de Virgínia RAU, Lisboa, Companhia de Diamantes de Angola/ Serviços Culturais, 1956. António Coelho Guerreiro foi mercador, militar e funcionário público nas cinco partes do mundo* (Ibidem, p. 12).
- ⁽²³⁾ *A título de exemplo, um outro livro mastro da companhia da Colle de Pisa (Serie I, reg. 4) é consideravelmente maior (39,5x26 cm).*
- ⁽²⁴⁾ *Um dos objectivos da pesquisa realizada no âmbito do projecto ENPrESA é o de identificar as diferentes marcas de água do papel utilizado em cada livro e os respectivos centros de produção e de comercialização. No actual estado da investigação, foi já possível apurar que uma das marcas de água encontradas no fundo Da Colle e Salviati é originária do norte de Itália.*
- ⁽²⁵⁾ *Para uma definição dos diferentes livros de contabilidade e tipos de contas, veja-se Federigo MELIS, Documenti per la storia economica dei secoli XIII-XVI, Florença, Leo S. Olschki, Istituto Internazionale di Storia Economica F. Datini, 1972, pp. 49-74.*
- ⁽²⁶⁾ *Para uma definição de giornale, veja-se IDEM, Ibidem, pp. 70-71.*
- ⁽²⁷⁾ AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, cc. 32, 49.
- ⁽²⁸⁾ AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, c. 26.
- ⁽²⁹⁾ AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, cc. 12, 31, 47, 58.
- ⁽³⁰⁾ Nunziatella ALESSANDRINI e Pedro FLOR, “Índices, sinais e moradas dos italianos “estantes” em Lisboa (séc. XVI)”, in Nunziatella Alessandrini, Pedro Flor, Mariagrazia Russo, Gaetano Sabatini (orgs.), *Le nove son tanto e tante buone, che dir non se po’. Lisboa dos Italianos: História e Arte (sécs. XIV-XVIII)*, Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste», 2013, p. 109. *Veja-se ainda um artigo de síntese sobre a presença de mercadores florentinos: Nunziatella ALESSANDRINI, “A comunidade florentina em Lisboa (1481-1557)”, in Clio, nova série, volume IX, 2003, pp. 63-86.*
- ⁽³¹⁾ *Sobre os Strozzi, uma família de mercadores com implantação em Florença e em Nápoles, veja-se Richard GOLDWHAITE, Private Wealth in Renaissance Florence: a study of four families, Princeton, Princeton University Press, 1968, pp. 31-73.*
- ⁽³²⁾ AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, cc. 41, 57.
- ⁽³³⁾ *Dicionário dos Italianos Estantes em Portugal [online]. Lisboa, CHUL, Universidade de Lisboa, 2004, sub voce. Disponível em: <http://www.catedra-alberto-benveniste.org/dic-italianos.asp>*
- ⁽³⁴⁾ AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, cc. 6, 15, 57. *Sobre a actividade de Giovanni Guidetti ao serviço da companhia Cambini, veja-se S. TOGNETTI, Il Banco Cambini..., cit., passim.*
- ⁽³⁵⁾ AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, cc. 6, 15, 34, 47, 53, 57.
- ⁽³⁶⁾ *Dicionário dos Italianos Estantes em Portugal [online]. Lisboa, CHUL, Universidade de Lisboa, 2004, sub voce. Disponível em: <http://www.catedra-alberto-benveniste.org/dic-italianos.asp>*
- ⁽³⁷⁾ AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, c.5.
- ⁽³⁸⁾ AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, cc. 5, 25, 34; reg. 8, cc. 2-4, 70.
- ⁽³⁹⁾ *Sobre Marco Lomellini, veja-se Virgínia RAU, “Uma família de mercadores italianos em Portugal no século XV: os Lomellini”, in Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, tomo XXII, 2ª série, n.º 2, 1957, pp. 56-80.*
- ⁽⁴⁰⁾ AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, cc. 28, 29, 31, 36.
- ⁽⁴¹⁾ Saúl António GOMES, D. Afonso V: o Africano, *Mem Martins, Círculo de Leitores, 2006, p. 129.*
- ⁽⁴²⁾ AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg.7, c.1.
- ⁽⁴³⁾ AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, c. 29.
- ⁽⁴⁴⁾ AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, cc. 1, 23, 25, 28; reg. 8, c. 73.
- ⁽⁴⁵⁾ AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, c.1, reg. 8, c. 60.
- ⁽⁴⁶⁾ Eugenio GARIN (ed.), *Renaissance Characters, tradução inglesa, Chicago, The University of Chicago Press, 1997, p. 168.*
- ⁽⁴⁷⁾ *Tinha contas abertas nas companhias Neroni-Salviati de Pisa, Neroni-Salviati de Florença e também no banco Rabatta-Salviati de Bruges (AS, Serie I, Neroni e Salviati..., reg. 22, cc. 45, 73, 79, 100, 152, 191, 230; reg. 23, cc. 45, 93, 110; Da Rabatta e Salviati. Giovanni Da Rabatta e Giovanni di Alamanno Salviati di Banco di Bruges, reg. 24, cc. 24, 41, 42, 51, 53, 61, 68, 73, 78, 83, 277, 311, 325, 327, 334, 335).*
- ⁽⁴⁸⁾ *Segundo dados recolhidos por Rodrigo DOMINGUEZ, O Financiamento da coroa portuguesa nos finais da Idade Média: entre o “Africano” e o “Venturoso”, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013, pp. 413, 434.*
- ⁽⁴⁹⁾ Rita Costa GOMES, “Between Pisa and Porto: Afonso Eanes, merchant of the King of Portugal (1426-1440)”, in Diogo Ramada Curto, Eric R. Dursteller, Julius Kirshner, Francesca Trivellato (eds.), *From Florence to the Mediterranean and Beyond. Essays in Honour of Anthony Molho, Florença, Leo S. Olschki, 2009, p. 236.*
- ⁽⁵⁰⁾ AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 8, cc. 77-78.
- ⁽⁵¹⁾ R. C. GOMES, *Between Pisa and Porto..., cit., p. 237.*
- ⁽⁵²⁾ *Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Chancelaria de D. João II, liv. 26, fl. 68v.*
- ⁽⁵³⁾ AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, cc. 49, 55.



- ⁽⁵⁴⁾ *Maria José Ferro TAVARES, “Das sociedades comerciais de judeus e italianos às sociedades familiares de cristãos novos. Exemplos”, in Nunziatella Alessandrini, Mariagrazia Russo, Gaetano Sabatini, Antonella Viola (orgs.), Di buon affetto e commercio. Relações luso-italianas na Idade Moderna, Lisboa, CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores, 2012, p. 24.*
- ⁽⁵⁵⁾ *Sobre o papel dos judeus na actividade mercantil, veja-se Maria José Ferro TAVARES, Os Judeus em Portugal no século XV, vol. 1, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1982, pp. 279-300.*
- ⁽⁵⁶⁾ *Lúcia Liba MUCZNIK, José Alberto TAVIM, Esther MUCZNIK, Elvira Cunha de Azevedo MEA (dir.), Dicionário do judaísmo português, Lisboa, Editorial Presença, 2009, sub voce.*
- ⁽⁵⁷⁾ *AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, c. 50.*
- ⁽⁵⁸⁾ *Uma breve biografia desta personagem acha-se no Dicionário do judaísmo português, cit., sub voce. Veja-se ainda a obra recentemente traduzida: Benzion NETANYAHU, Dom Isaac Abravanel, Estadista e Filósofo, Lisboa, Rede de Judiarias e Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste», 2013.*
- ⁽⁵⁹⁾ *AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, c. 17.*
- ⁽⁶⁰⁾ *AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, c.7.*
- ⁽⁶¹⁾ *AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, cc. 3, 35, 36, 44, 58.*
- ⁽⁶²⁾ *AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, c. 35; reg. 8, c. 75.*
- ⁽⁶³⁾ *AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, cc. 7, 10.*
- ⁽⁶⁴⁾ *AS, Serie I, Da Colle e Salviati..., reg. 7, c.4; reg. 8, cc. 71, 76.*
- ⁽⁶⁵⁾ *A. CARLOMAGNO, Il Banco Salviati..., cit., vol.1, pp. 16,31, 167.*
- ⁽⁶⁶⁾ *IDEM, Ibidem, vol.1, passim.*

COMPOSIÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DA CONTABILIDADE PARA O TRIÊNIO 2016-2018

PRESIDENTE HONORÁRIO DO CEHC: ESTEBAN HERNÁNDEZ ESTEVE, PROF. DOUTOR

PRESIDENTE DO CEHC: ANTÓNIO CAMPOS PIRES CAIADO, PROF. DOUTOR

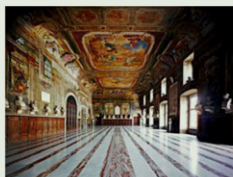
PRESIDENTES DOS CONSELHOS: Conselho Científico: MARIA DA CONCEIÇÃO COSTA MARQUES, Prof. Doutora – Professora no ISCAC
Conselho Executivo: MANUEL JOSÉ BENAVENTE RODRIGUES, DR., Investigador ESPP-ISCTE-IUL

CONSELHEIROS: ABÍLIO MARTINS • Associado da APOTEC – ANA RITA SILVA DE SERRA FARIA, Prof. Doutora • Docente na Universidade do Algarve – ANTÓNIO CAMPOS PIRES CAIADO – Prof. Doutor – ANTÓNIO JORGE PEREIRA RIBEIRO, DR. • Associado da APOTEC – ARMINDO FERNANDES COSTA, DR. • Revisor Oficial de Contas – CARLOS ALBERTO DOMINGUES FERRAZ, DR. • ROC – HERNÂNI OLÍMPIO CARQUEJA, DR. • ROC n.º 1 (act. suspensa), Consultor – JOÃO FILIPE GONÇALVES PINTO, DR. • Presidente da Assembleia Geral da APOTEC – JOAQUIM ANTÓNIO CALADO COCHICHO, DR. • ex-Assessor da Torre do Tombo – JOSÉ MARTINS LAMPREIA, DR. • ROC – JUDITE CAVALEIRO PAIXÃO, DR.ª • ex-Directora do Arquivo Histórico do Tribunal de Contas – MANUEL JOSÉ BENAVENTE RODRIGUES, DR. • Investigador ESPP-ISCTE-IUL – MARIA DA CONCEIÇÃO COSTA MARQUES, Prof. Doutora • Professora no ISCAC – MATILDE CONCEIÇÃO ESTEVENS, DR.ª • ex-Docente do ISCAL – MIGUEL ÂNGELO CAÇOILO GONÇALVES, DR. • Professor no ISCAC – MIGUEL MARIA CARVALHO LIRA, Prof. Doutor • Professor no ISCAC – OLGA CRISTINA PACHECO SILVEIRA, DR.ª • DGO – RITA MARTINS SOUSA, Prof. Doutora • Professora no ISEG/UTL – SEVERO PRAXEDES SOARES, DR. • ROC



NOVAS DA HISTÓRIA

VI ENCONTRO AECA LUCA PACIOLI
Nápoles – Itália, 10-11-12 de Outubro 2019



Os Encontros AECA Luca Pacioli foram criados pelo Professor Esteban Hernandez Esteve em 2009 tendo a APOTEC já organizado em colaboração com a AECA, o IV Encontro em 2015, aqui em Lisboa.

Entretanto, este ano, o Professor Amedeo Lepore, destacado membro da Sociedade Italiana de História Económica, preside e organiza o VI Encontro AECA Luca Pacioli, em Outubro, na bela cidade de Nápoles.

O tema deste Encontro trata do papel e da importância da Contabilidade Pública e Privada na Europa, no quadro mais geral da evolução da própria Economia na Idade Moderna e Contemporânea.

10TH ACCOUNTING HISTORY INTERNATIONAL CONFERENCE

Paris, 3-5 September 2019

Comunicações deverão ser enviadas até ao próximo dia 1 de Março, para paris.ahic@rmit.edu.au
Mais informações sobre a Conferência, poderão ser obtidas no link: <https://www.skema.edu/research/conferences/ahic>

PRÉMIO ENRIQUE FERNANDEZ PEÑA DE HISTORIA DA CONTABILIDADE

2017-2018-2019

A Comissão de História da Contabilidade da AECA, premeia todos os anos trabalhos sobre história da contabilidade, em qualquer das línguas ibéricas, publicados ou apresentados oficialmente em Congressos, Encontros e similares, assim como em Universidades, entre 1 de Julho de 2017 e 30 de Junho de 2018 (2017-2018) e entre 1 de Julho de 2018 e 30 de Junho de 2019 (2018-2019)

ALGUNS ENDEREÇOS ÚTEIS EM HISTÓRIA DA CONTABILIDADE

Revista electrónica “De Computis” –AECA –Espanha: www.decomputis.org

Società Italiana di Storia della Ragioneria : www.sisronline.it

The Academy of Accounting Historians: www.accounting.rutgers.edu/raw/aah

Comissão de História de Contabilidade da AECA: www.aecal.org/comisiones/comisionhc.htm

Accounting History Special Group of the Accounting and Finance Association of Australia and New Zealand: www.muprivate.edu.au/index.php?id=156

ARTE E CONTABILIDADE



ÓLEO SOBRE TELA DE JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS (1958)

Dim. 2.900mm x 2700 mm

*Antiga Sala de Sessões do Tribunal de Contas no edifício da Praça do Comércio.
Fotografia: Eduardo Gageiro*

A Rainha D. Maria II recebe das mãos do Duque de Ávila e Bolama o decreto da criação do Tribunal de Contas em 1849.

Apesar de a Constituição de 1838 prever o estabelecimento de um Tribunal de Contas, este só foi concretizado em 1849, no Governo de Costa Cabral, sendo ministro da Fazenda, o Duque d'Ávila e Bolama.

A história das finanças públicas em Portugal passou a contar com uma instituição fundamental de controlo dos dinheiros públicos. ■

Manuel Benavente Rodrigues